

**PAISAGEM E LITERATURA: ANÁLISES GEOLITERÁRIAS NO POEMA
MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

**LANDSCAPE AND LITERATURE: GEOLITERARY ANALYZES IN THE POEM
MORTE E VIDA SEVERINA BY JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

**PAISAJE Y LITERATURA: ANÁLISIS GEOLITERARIOS EN EL POEMA
MORTE E VIDA SEVERINA DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO**

*José Elias Pinheiro Neto*¹

Universidade Estadual de Goiás, Itapuranga, Brasil

*Júlio César Suzuki*²

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

*André Luiz Martins de Lima*³

Universidade Estadual de Goiás, Itapuranga, Brasil

Resumo: Literatura e Geografia caminham lado a lado na materialização do ficcional para o real, dentro de um processo mimético. Assim, este trabalho tem por objetivo trazer observações feitas a partir da leitura do poema *Morte e Vida Severina*, escrito por João Cabral de Melo Neto, entre os anos de 1954 e 1955, e publicado em 1956. Este poema conta a história de Severino, homem que sai do Sertão em busca de uma melhor qualidade de vida. A metodologia utiliza-se de uma revisão bibliográfica em que apontamos como principais fontes teóricas de consulta: Bachelard (1986), Monteiro (2002), Feitosa (2010), Pinheiro Neto (2012) e Alves (2018).

Palavras-chave: Paisagem; Geografia; Literatura.

Abstract: Literature and Geography take together in the materialization of the fictional to the real, within a mimetic process. Thus, this paper aims to bring observations made from the poem *Morte e Vida Severina*, written by João Cabral de Melo Neto, between the years 1954 and 1955, and published in 1956. That tells the story of Severino, a man who leaves the hinterland in search of a better quality of life. The methodology uses a bibliographical

¹ Universidade Estadual de Goiás, Professor no câmpus Itapuranga desenvolve atividades de ensino e pesquisa nas graduações de Letras e Geografia, exerce também o cargo de Coordenador Adjunto do Curso de Letras (Português/Inglês), E-mail: joseeliaspinheiro@gmail.com

² Universidade de São Paulo, professor do Departamento de Geografia/FFLCH/USP e orientador junto ao Programa de Pós-graduação em Integração da América Latina (PROLAM/USP), E-mail: jcsuzuki@usp.br

³ Universidade Estadual de Goiás, Graduando em Letras Português Inglês e suas respectivas literaturas – Acadêmico PIBIC/CNPq, E-mail: andreluiz05121998@gmail.com

review in which we point out as main theoretical sources of consultation: Bachelard (1986), Monteiro (2002), Feitosa (2010), Pinheiro Neto (2012) e Alves (2018).

Keywords: Landscape; Geography; Literature.

Resumen: Literatura y Geografía caminan lado a lado en la materialización de lo ficcional a lo real, dentro de un proceso mimético. Así, este trabajo tiene por objetivo traer observaciones hechas a partir del poema *Morte e Vida Severina*, escrito por João Cabral de Melo Neto, entre los años 1954 y 1955, y publicado en 1956. Este poema cuenta la historia de Severino, hombre que sale del *Sertão* en busca de una mejor calidad de vida. La metodología usa de una revisión bibliográfica en la que apuntamos como principales fuentes teóricas de consulta: Bachelard (1986), Monteiro (2002), Feitosa (2010), Pinheiro Neto (2012) e Alves (2018).

Palabras clave: Paisaje; Geografía; Literatura.

1. INTRODUÇÃO

A paisagem é uma mediação fundamental para a compreensão das transformações e dinâmicas espaciais, razão pela qual se impôs como categoria importante nos debates geográficos. Mas, também, a paisagem pode ser conformada como uma imagem com o uso da linguagem; é o que fez tantos sujeitos que labutam com a palavra. Assim, pretendemos trazer observações feitas a partir da leitura do poema *Morte e Vida Severina*, escrito por João Cabral de Melo Neto, entre os anos de 1954 e 1955, e publicado em 1956, tendo em vista o seu potencial de relação entre paisagem e literatura.

Com uma abordagem metodológica de revisão bibliográfica baseada em autores dentre os quais destacamos Bachelard (1986), Monteiro (2002), Feitosa (2010), Pinheiro Neto (2012) e Alves (2018), buscamos a compreensão da paisagem como parte da construção cultural e social do personagem e com o que está a sua volta, no momento da rememoração de imagens ficcionais que o leitor tem no decorrer da leitura, devido aos retratos de imagens já visitadas empiricamente. Desse modo, a imaginação cria laços entre o que foi vivido pelo ser humano e o ambiente que o envolve e pode pressupor a sintetização de imagens ficcionais que ligam o homem ficcional ao que se vive realmente.

Com esta visão, podemos entender subjetivamente a leitura de uma obra literária, na qual cada leitor compreende de acordo com o conhecimento empírico que traz consigo, substanciado em outras leituras e, também, na leitura de mundo. A compreensão da paisagem e a tentativa da ‘materialização’ fictícia, no decorrer da leitura de uma obra literária, é possível pela verossimilhança, porque as cenas da literatura retratam o vivido pelas pessoas. Muitos romances, especialmente os regionalistas, descrevem o cotidiano do sertanejo.

Portanto, há uma forte ligação entre personagem e o mundo real. Neste sentido, Alves (2013, p. 184) escreve que, “[q]uando um poeta descreve as paisagens que lhe importam, é comum que se destaquem as paisagens da terra natal”. Assim, podemos depreender que as paisagens estão concatenadamente em contínua projeção das relações pessoais e sociais, desvelando os comportamentos.

Os substantivos distanciados de literariedade, tais como nuvem, seca e pedra, são características encontradas na obra *Morte e Vida Severina*, em que um homem nordestino sai de sua terra, seu lugar. Ele vai em busca de sobreviver um pouco mais, fugindo da dureza do semiárido, cujo objetivo é adiar a sua morte; esta que, de acordo com o poeta, também se vive em vida. Severino, o protagonista, faz uma caminhada no Sertão, passando pelo Agreste até a Zona da Mata, onde inicia sua luta pela busca da tranquilidade úmida da vida. Neste caminho percorrido por Severino são apresentadas as imagens de miséria vividas por muitas pessoas.

João Cabral se propõe a descrever o meio social e apresentar a realidade vivida por muitos sertanejos nordestinos, associando a linguagem poética com as falas dos personagens para retratar a política social. Ele expõe com veracidade, em sua obra, a penúria, a miséria e as faces da morte naquelas localidades; as mortes matada, morrida e a que se vive em vida, tão aplacável que ataca até gente ainda não nascida.

Podemos perceber descrições do seu lugar em muitos personagens da obra cabralina, mesmo diante de tantas mazelas. Ao se deparar com a morte pela primeira vez, Severino pensa em parar e procurar emprego, fixar-se naquela localidade que pouco se diferenciava de sua casa. Uma mulher lhe diz que o único trabalho lucrativo é de quem

ajuda na lida com a morte, e que “o lucro é certo nessas profissões, pois não faltam fregueses, uma vez que ali a morte também é coisa vulgar” (DEZIDERO e TERRA, 2015, p. 248). A paisagem de morte desvela os mais recônditos interiores do ser humano, ela está sempre presente na obra.

Severino nos apresenta os traços marcantes dos retirantes nordestinos, representando-os. Seu aspecto físico é descrito como de uma pessoa com estatura baixa e muito magra, abandonando sua individualidade e se adjetivando como igual em tudo na vida, em tudo física e socialmente com os seus pares. Contudo, sempre lutando contra a miséria em que se encontra. A morte está sempre à espreita, assim como para muitos nordestinos. Desta maneira, o personagem se alegoriza e passa a simbolizar toda uma comunidade que se transmuta em algo muito maior do que Severino individualizado.

2. PAISAGEM FICCIONAL NA OBRA LITERÁRIA

As obras literárias apresentam ricas paisagens. No caso em tela, presente em um poema, chamamos de ficcionais porque podem, geralmente, representar muito do que vivenciamos em nosso cotidiano, elas são os retratos dos acontecimentos reais, detalhando as relações e colaborando na comprovação de fatos históricos. De acordo com Monteiro (2002, p. 15), “é a natureza holística identificável quando a literatura atinge foros de “universalidade”, ou seja, quando ela transcende a um caso particular de uma dada região – fisicamente varia – para falar da “condição humana” – basicamente una”. Neste mesmo sentido, temos Suzuki (2011, p. 97), escrevendo que:

[...] a paisagem é então isso que é representado, com forte marca do que está no campo do visível, mas, também, marcada pela relação com a sociedade que a produziu. Assim, a noção de paisagem passa a incorporar, também, a sua gênese, ou seja, o desvendamento dos processos que a originaram. São as paisagens sucessivas que permitirão ler os tempos de que se compõe o espaço. Nestes termos, por mais que paisagem não se confunda com espaço, incorpora a necessidade de leitura da ação humana que a produziu tal qual este.

Desta forma, podemos compreender a obra literária repleta de símbolos que podem variar de acordo com as cenas descritas, e mais, coadunam na identificação de valores sociais quando os entendemos pela experiência do ser humano em seu espaço vivido. Para tanto, é preciso analisar várias gavetas que se abrem sobre a estrutura da ciência geográfica que estão interligadas entre si, mostrando os valores da paisagem literária. De acordo com Pinheiro Neto (2012, p. 323):

Existe uma relação muito forte entre a imagem e a experiência de vida daquele que decifra o que vê. A história que envolve toda sua trajetória no decorrer da existência é que constrói e seleciona, no homem, cada forma vista, para entender a imagem a ser decodificada. Aí estão entrelaçados os símbolos, percepções, as atitudes e os pensamentos que nunca serão iguais, nem mesmo para duas pessoas residentes na mesma localidade. Cada ser humano sente o mundo de maneira particular.

Esta relação da imagem com a experiência de vida também se traduz nos escritores porque eles retratam suas vivências, seus conhecimentos trazidos desde a mais tenra idade dentro de um processo crescente durante a vida. Vale lembrar, neste momento, as palavras de Feitosa (2010) que escreve sobre a visão literária podendo ser única ou criando inúmeras portas para o entendimento do leitor. Uma vez que a paisagem está envolvida em “características particulares, em face dos atributos e da intencionalidade do receptor, podendo se construir em um simples registro ou implicar desdobramentos sucessivos pelas relações suscitadas” (FEITOSA, 2010, p. 36).

Portanto, é importante que o leitor tenha conhecimento dos aspectos apresentados na análise da paisagem em geral. É preciso lembrar de todos os requisitos para sua análise, não olvidar que sobre seu entendimento recaem, além da visão, sentidos que nos conduzem a decifrar seu interior, tais como: olfato, sabor, tato e ponto de vista. É necessário entender que estão inteiramente ligados para a compreensão de seu caráter polissêmico, sobretudo no caso de um texto ficcional.

Do ponto de vista dado pela leitura das obras literárias, podemos compreender a aproximação entre Geografia e Literatura, quando buscamos a existência de aspectos para auxiliar na comprovação do que se passa em nossa história, nossos registros. É importante

ratificar que não possuem apenas elementos físicos, existem características além do que se é visível, daí prevalecem outros sentidos, e João Cabral constrói essas paisagens com maestria a ponto de nos colocar o cheiro da morte e da vida, da seca e da água, da aridez e do verde da cana. As imagens projetadas aguçam estas interpretações subjetivas. Os acontecimentos se devem à imaginação poética. É da memória revivida que resulta a construção das paisagens cabralinas.

O poeta consegue levar, por intermédio de suas palavras, o leitor a uma subjetiva reflexão sobre as paisagens literárias, derivadas do percurso do homem em sua retirada em busca de mais vida e de sua convivência social durante essa caminhada. E é com foco nesta mesma direção que muitos escritores brasileiros descrevem a paisagem ficcional em suas obras, mostrando o sertanejo e suas relações com o seu lugar.

Deste modo, estamos numa perspectiva de produção científica que tem como *corpus* os textos de obras literárias. Neste caminho, buscamos suporte filosófico em Gaston Bachelard (1986), que ensina ser o primeiro espaço vivido o da casa, criada e desenvolvida de acordo como o desejo do homem, trazendo consigo tudo que acontece neste local e formando o caráter e o processo histórico do sujeito, por consequência este indivíduo tende a mudar e ser mudado pelo aprendizado obtido na análise da experiência humana durante sua vida.

A literatura apresenta variados elementos que podem dar sentido a uma construção científica. Para a busca do conhecimento em uma obra literária, é preciso um olhar atento e um coração aberto para novos aspectos sustentadores de um objeto de pesquisa atual. Podem ser criadas outras visões de análise e devem ser interpretadas de forma subjetiva. A percepção acaba tornando-se a arma essencial neste processo, porque a “[...] imaginação redimensiona as realidades, reconstrói o mundo e a relação do ser humano com ele e faz emergir a imagem poética da alma e do coração do ser humano” (ARAÚJO, 2010, p. 15).

De acordo com Pinheiro Neto (2012, p. 326), “[a] ficção e a realidade são aproximadas pela Literatura. E a subjetividade, no entender das questões analisadas, aporta subsídios perceptivos ao analista para compreender seu objeto de pesquisa”. Desta maneira, podemos aproximar as falas de Araújo e Pinheiro Neto para chegarmos ao entendimento de

que o real e o ficcional caminham juntos dentro de uma mesma leitura, já que o processo de materialização diante da leitura da obra engloba conhecimentos tratados na realidade do leitor. O resultado destas existências materiais pode ser revelado dentro de uma obra ficcional, sendo muito tênue a linha divisória entre ficção e realidade, sendo que o elo que torna isso possível é a mimese.

A experiência apreendida pelo escritor traz o ponto de vista de seu conhecimento. A partir da qual, podemos encontrar a relação entre indivíduo/personagem e todo meio que o envolve. Por ser, também, um forte aspecto da ligação entre o espaço vivido e o espaço literário que redireciona o personagem a um local objetivo e que colabora para compreensão dos aspectos que estão internamente ligados ao núcleo da obra, a experiência de Severino em sua jornada e o conhecimento do leitor sobre as paisagens nordestinas podem ser mediatizadas na apreensão destas imagens a serem interpretadas e compreendidas ficcionalmente.

Desse modo, a paisagem se forma na imaginação do leitor de acordo com o contexto que o envolve. Assim, a ficção transmuta-se em realidade, diante de aspectos já protagonizados na criação de uma determinada obra em que o escritor narra a realidade em fatos ficcionais. Por fim, o real pode estar intimamente ligado à ficção/poema. Há que se falar, também, na possibilidade de interpretação da realidade e ela é feita a partir da experiência do leitor, havendo um entrosamento entre ele e o livro, como fatores que visam a passagem do que o leitor conhece do real para o que esteja escrito ficcionalmente e isto é subjetivo.

Vemos que a paisagem também está imersa em subjetividades marcantes na construção da estética humana, partindo da visão de Pinheiro Neto (2018, p. 1):

[...] as subjetividades precisam ser consideradas, elas são elementos caracterizadores da formação humana, neste sentido o que a envolve de variadas formas. Os sons, o cheiro, o toque e dentre vários outros sentidos nos revelam diferentes paisagens que serão postas dependendo do entendimento de cada ser humano. O indivíduo percebe o mundo em sua volta subjetivamente.

Neste caminho, para nós é permitida, por intermédio da percepção, a compreensão além do que se pode ver na alma do ser humano. Ela está repleta de conhecimento empírico e por lembranças do que foi explorado e vivenciado para que se obtivesse a representação dos diversos momentos, locais, tradições etc., transformando-se em imagens reais. Por estes caminhos de aprendizagem, foram assimiladas, dentro do ser humano, inúmeras paisagens que possuem significados e que serão retomadas diante da obra literária, trazendo dentro de elementos reais as idealizações ficcionais.

3. PAISAGENS CABRALINAS

A paisagem, na obra *Morte e Vida Severina*, que envolve Severino vai mudando no decorrer de sua jornada, de modo que represente os sentimentos do nordestino com o ambiente de sua caminhada, sendo ele paisagístico individual ou social. Mudanças causadas pelo estado da alma do personagem, pois seus sentimentos também mudam, assim o enredo acaba trazendo à tona diferentes percepções de locais que estão ligados interiormente a Severino. Dessa maneira, reforçando a análise de Pinheiro Neto (2012, p. 337) de que:

a vivência do protagonista mostra que a paisagem pode, também, ser resultado da ficção, apresentando as diversas faces e experiências que o homem nordestino viveu naquela época. O retirante, para fugir da seca, podia, ainda, fazê-lo tecendo um rosário por várias cidades, sabendo que todas estavam dentro do nordeste, diferentemente de novos tempos em que o nordestino busca melhor vida no sudeste brasileiro.

Podemos perceber a paisagem de caminhada exercida por Severino, tanto interna, quanto externa, repleta de símbolos que excitam um apelo contra a injustiça social, não apenas para os que estão se retirando do Nordeste, mas também aos desfavorecidos diante de outras sociedades uma vez que ele representa tantos outros. A obra traz em seus versos aventuras ficcionais que implicam e até mesmo apontam a condição desumana que muitas pessoas passam para buscar uma nova forma de vida. Iniciamos com a descrição de Severino, cuja imagem desvela não apenas uma pessoa porque o protagonista se compara a todos os outros viventes.

O meu nome é Severino,
não tenho outro de pia.
Como há muitos Severinos,
que é santo de romaria,
deram então de me chamar
Severino de Maria;

[...]

Vejamos: é o Severino
da Maria do Zacarias
lá da serra da Costela,
limites da Paraíba.
Somos muitos severinos

[...]

iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue
que usamos tem pouca tinha.

(MELO NETO, 2000, p. 8).

O nome Severino representa uma paisagem generalizada, de muitas outras pessoas na mesma situação, chegando a ter uma dificuldade inicial de se apresentar e, na continuidade de sua identificação, cada vez mais mescla-se aos seus pares. Segue também colocando a paisagem da sua terra umbilical, a serra da Costela, local de seu nascimento e de sua saída.

Da individualidade de dizer seu nome na apresentação, não tendo outro de batismo ou codinome passa a conhecer as outras ‘Marias’ também mães de outros ‘Severinos’, representando tantas outras pessoas. E, além de nos mostrar as paisagens emblemáticas que tentam sua individualização, a Serra da Costela, nome metricamente pensado para aproximar as relações de todos os Severinos, mostra-nos, no mesmo sentido, a imagem de cada retirante, como se cada osso da costela significasse um retirante, um ‘Severino’.

A ligação ficcional de *Morte e Vida Severina* remete diretamente o leitor para a dureza da vida, “num estado agreste, onde a vida só existe por mero milagre, a

sobrevivência passa a ser dádiva, ofertada por um ‘sol’ que dá, e que mesmo tira” (DEZIDERO e TERRA 2015, p. 254). O personagem busca meios para sobreviver, fica exposto à dureza do Sertão. Sobre essa aspereza Marandola (2007, p. 85) escreve que:

[...] aparece muitas vezes e de várias maneiras: “uma terra que não dá nem planta brava”, “terra de pedra e areia lavada”, com “magros lábios de areia” e de “pêlo hirsuto”, região “que o vento vive a esfolar”, “escalavradas pela seca faca solar”, onde “plantas de rapina são tudo o que a terra dá”. A imagem evocada é aquela que humaniza a paisagem ao mesmo tempo em que naturaliza o homem. Ações humanas são aplicadas aos elementos, apontando para o laço indissociável homem-meio.

Há, de acordo com Janaina Marandola (2007), uma aproximação entre homem e natureza, chegando ao ponto de dificultar os pontos limítrofes entre eles. A paisagem é retratada ficcionalmente na caminhada de Severino:

- Não têm onde trabalhar
e muito menos onde morar.
- E da maneira em que está
não vão ter onde se enterrar.
- Eu também, antigamente,
Fui no subúrbio dos indigentes,
e uma coisa notei
que jamais entendi:
essa gente do sertão
que desce para o litoral, sem razão,
fica vivendo no meio da lama,
comendo os siris que apanha;
pois bem: quando sua morte chega,
temos que enterrá-los em terra seca.
Na verdade, seria mais rápido
e também muito mais barato
que os sacudissem de qualquer ponte
dentro do rio e da morte.
- O rio daria a mortalha e até um macio
caixão de água;
e também o acompanhamento
que levaria com passo lento
o defunto ao enterro final
a ser feito no mar de sal.
- E não precisava dinheiro,
e não precisava coveiro,
e não precisava oração
e não precisava inscrição.
- Mas o que se vê não é isso:
é sempre nosso serviço

crescendo mais cada dia;
morre gente que nem vivia.

(MELO NETO, 2000, p. 19).

O destino *severino* é sempre o mesmo, são caminhadas em busca da vida que se deparam sempre com mortes, é uma jornada rotineira em um Sertão coberto de morte. Trata-se da representação ficcional de uma realidade em que os acontecimentos reais são retratados nos Severinos. A seca, a pobreza, a fome e a morte já são dadas como episódios rotineiros. Em sua retirada, Severino encontra apenas o que vivia em seu local de partida:

- Desde que estou retirando
Só a morte vejo ativa,
só a morte deparei
e as vezes até festiva
só a morte tem encontrado
quem pensava encontrar vida,
e o pouco que não foi morte
foi de vida Severina
(aquela vida que é menos
vivida que defendida,
e é ainda mais Severina
para o homem que retira).
Penso agora: mas por que
Parar aqui eu não podia
E como Capibaribe
Interromper minha linha?
Ao menos até que as águas
De uma próxima invernia
Me levem direto ao mar
Ao refazer sua rotina?
Na verdade, por uns tempos,
parar aqui eu bem podia
e retomar a viagem
quando vencesse a fadiga.
Ou será que aqui cortando.
agora minha descida
já não poderei seguir
nunca mais em minha vida?

(MELO NETO, 2000, p. 9 e 10.)

Em suma, podemos perceber que o destino desses retirantes do Sertão é, em muitas vezes, repetido por outros. São Severinos de muita luta que estão rodeados pela morte, o que dá força para partirem para outros locais, uma realidade vivida no Brasil trazida ficcional e poeticamente, aprofundando na alma de vários Severinos retirantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A captura da paisagem ficcional do poema *Morte e Vida Severina* de João Cabral de Melo Neto, com foco na ideia de que o ficcional pode ser fruto da realidade, permitiu aproximar Geografia e Literatura. É diante do meio social que o leitor absorve informações que aparecem à tona diante de obras literárias, que então ajudarão o leitor a decifrar o pensamento trazido pelo escritor. Assim, facilitando a interação entre leitor e obra. Um aspecto subjetivo de interpretação devido à existência de diversas formas de compreensão de uma mesma obra, abrindo novos horizontes para que os leitores possam mergulhar nas/e em novas leituras.

Esta abordagem interacional entre a Geografia e a Arte, especialmente na análise de obras literárias, pode ser relevante na estrutura da ciência e na produção do conhecimento. Formam, ciência e literatura, um bojo rico em características reais e ficcionais e andando juntas dão elementos importantes para a compreensão do mundo. Representam a essencialidade da narrativa e tornam perceptíveis, aos olhos do leitor, elementos formadores da história. É o encontro do que se conhece com o que é ou foi idealizado pelo mundo.

Nesta perspectiva, pode-se compreender que a construção da paisagem ficcional se dá por intermédio de cenas vistas pelo leitor, que, ao entrar em contato com a obra, observa a estrutura necessária para a interpretação e para dar sentido ao texto literário. Acontecimentos fortemente ligados ao leitor/escritor e o mundo real/ficcional. Afinal, é a partir da realidade que podemos pensar na existência e na comprovação dos fatos, em que a literatura aparece para colaborar na compreensão deles e, mesmo não tendo intenção científica de comprovação factual, a literatura cabralina apresenta aspectos relevantes de

injustiças sociais e um engajamento com a luta das minorias que contribui para a percepção e apreensão dos acontecimentos sociais, por isso a importância da relação entre paisagem real e ficcional.

Portanto, o texto literário representa o meio social, contendo símbolos ricos de significados sociais que levam a reflexões sentimentais da alma do personagem/leitor que é construída pela luta rotineira em sua vida. E o poema analisado é o retrato do nordestino que sai no sol pelo semiárido para buscar mais vida. Nesse fato, existe a incerteza de que haverá um novo dia.

Severino traz consigo a identidade de todos que estão com dificuldades para sobreviver, e nestas condições decidem retirar-se para outra localidade em busca de uma melhor vida. Esperança que, muitas vezes, é incerta. Assim, o poema revive toda história de uma paisagem de morte e de vida, repleta de histórias e sentimentos vividos em um determinado local do Brasil.

O texto cabralino está ligado aos personagens reais que estão retratados ficcionalmente, são marcos históricos na vida social. Podemos pensar na ideia de que a paisagem seja consequência das experiências vividas pelo personagem nordestino, ligando a secura subjetiva da alma de Severino com a secura das imagens dos locais por onde passa o protagonista.

5. REFERÊNCIAS

ALVES, Ida Ferreira. *Paisagem e poesia: uma certa maneira de ver e escrever*. São Paulo: EDUSP, 2018.

ARAÚJO, Heloísa Araújo de. Geografia e Literatura: um elo entre o presente e o passado no Pelourinho. In: SILVA, Maria Auxiliadora da; SILVA, Harlan Rodrigo Ferreira da (Org.). *Geografia, literatura e arte: reflexões*. Salvador: Edufba, 2010. p. 33-50.

BACHELARD, Gaston. *O direito de sonhar*. 2. ed. São Paulo: DIFEL, 1986.

DEZIDERO, Débora Bueno Brochado; TERRA, Ronaldo. Morte e Vida Severina: um universo simbólico. *Ateliê de História*, v. 3, n. 1, p. 243-255, 2015. Disponível em: <https://revistas2.uepg.br/index.php/ahu/article/view/4950/4790>. Acesso em: 18 ago.2018.

FEITOSA, Antonio Cordeiro. O conhecimento e a experiência como condição fundamental para a percepção da paisagem. In: ALVES, Ida; FEITOSA, Márcia Manir Miguel (Org.). *Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010. p. 31-42.

MARANDOLA, Janaina de Alencar e Silva. *Caminhos de morte e de vida o rio Severino de João Cabral de Melo Neto*. 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, 2007. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/95656>. Acesso em 30 nov.2019.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. *O mapa e trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

PINHEIRO NETO, José Elias. Geografia e literatura: a paisagem ficcional em O mapa e a trama. In.: XIX Encontro Nacional de Geógrafos I - ENG., 2018, João Pessoa. *Anais eletrônicos*. João Pessoa: UFPA, 2018. Disponível em: http://www.eng2018.agb.org.br/resources/anais/8/1531397355_ARQUIVO_GEOGRAFIA_ELITERATURA.pdf. Acesso em: 30 nov. 2019.

_____. Geografia e Literatura: a paisagem geográfica e ficcional em Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto. *Boletim Campineiro de Geografia*, n. 2, v. 2, São Paulo: UNICAMP, 2012. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/bcg/index.php/boletim-campineiro/article/view/61>. Acesso em: 10 fev. 2020. p. 322 - 340.

SUZUKI, Júlio César. Espaço na crônica de Mário de Andrade – O Turista Aprendiz. *Geograficidade*, v.1, n.1, Inverno, Niterói: UFF, 2011, p. 87-98. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/geograficidade/article/view/12810/pdf>. Acesso em: 05 ago. 2015.

Recebido em 04/03/2020.

Aceito em 04/09/2020.

Publicado em 15/10/2020.